



"O café deve ser quente como o Inferno, prêto como o Diabo, puro como um anjo e doce como o amor" — segundo a opinião abalada de Talleyrand (Carlos Maurício de Talleyrand Perigord), o grande estadista francês. Um fazendeiro a quem, lembramos essa frase acrescentou brincando: "... e caro como o diamante. De qualquer modo, porém, redarguindo, o café tem o valor do "ouro verde".

Quem saboreia um cafezinho que reúna as condições acima enumeradas poderá repetir com o poeta espanhol Villasespa:

"— Depues, quando el café
[paladecemos]
Nestro cuerpo, a la par, se alegra,
[y suena]
y el alma asciende al cielo y se
[extasia]."

Veja-se como essas afirmações contrastam com aquelas pessimistas, que costumam atribuir malfícios ao café. E comum afirmar-se, que o café tira a vida de mimimi o epíteto, etc. A propósito Benedicto Merghula, em A SANTA INQUISICÃO DO CAFÉ, transcreve a seguinte lição de Mary Herty: Para que a cafeína fôsse prejudicial, seria necessário absorver, uma após outra, cento e cinqüenta xícaras de café.

No momento em que falamos da saborosa bebida, vem-nos à lembrança um verso de Antônio M. Alves de Lima, combativo cafeicultor da Sociedade Rural Brasileira, que nos vagoza de sua vida de trabalho, ainda encontra tempo para estudos econômicos e para exercitar a poesia. Em seu livro POEMAS E TEMAS, lembrando a vida do caboclo, proclama:

"Ao amanhecer toma café sem pão,
Junto aos seus, perto do fogão,
Enrola o cigarro e com um ticoço
Acende-o. Solta baforada
Gostosa e sai pela fresca madrugada,
Enxada ao ombro, o caminho da roça".

Lendo esses versos nos damos conta de que já existiu uma outra época, da qual Ciro Costa dizia em sua linguagem lírica:

"Que os frutos do café são giúbulos
[vermelhos]
Do sangue que escorreu do negro
[escravizado]."

Com esses versos homenageava e reconhecia os esforços do negro na formação das lavouras de café.

Apesar da decisiva influência do café na formação da vida do planalto é forçoso reconhecer, que ainda não surgiu o seu romancista. O cacáu teve o seu romancista em Jorge Amado, assim como o açúcar encontrou em José Lins do Régio o homem que iria descrever as várias frases — do banguê ao engenho — numa apresentação literária de fatos econômicos e sociais. Não desconhecemos as tentativas feitas por Rubens do Amaral em TERRA ROXA; de Leão Machado com ESPÍGAO DA SAMAMBAIA; de Lins Martins com FAZENDA; A FOGUEIRA,

de Cecílio J. Carneiro; A DERROCADADA, de Rubens Rocha; FILHOS DO DESTINO, de Hernani Donato; NÃO ERA A ESTRADA DE DAMASCO, de Noveli Júnior; A CARNE, de Júlio Ribeiro. Não obstante reafirmamos que no sentido em que o açúcar e o cacáu foram tratados por Jorge Amado e por José Lins do Régio ainda não temos o romance do café. Há outros romances: A ESCRAVA ISAURA, de Bernardo Guimarães, e TIL, de José de Alencar, que embora se passando em fazendas de café evidentemente não são romances do café. A vista disso cumpre lamentar que Mário de Andrade não tivesse levado avante seu conhecido projeto sobre o romance do café.

Em contra partida tivemos o contestista Monteiro Lobato, êle também fazendeiro, que soube tratar do tema em interessantes contos. No terreno da poesia, acreditamos que Saulo Ramos em CAFÉ, a poesia da terra e das encaxadas, fez obra definitiva. De outro lado, Afonso de E. Taunay com sua volumosa HISTÓRIA DO CAFÉ NO BRASIL preencheu uma grande lacuna no setor de sua especialidade. No terreno do ensaio deve ser mencionado o trabalho de Sérgio Millet: ROTEIRO DO CAFÉ. Há muitos outros trabalhos, que iremos mencionando ao seu tempo, enquanto aguardamos o romance definitivo do café.

Graça Aranha no famoso CHANAAN nos revela a certa altura um cafézal decadente, ao qual sucede um mandiocal (sinônimo de terra ruim) plantado em uma baixada. Diz êle: "A terra era cansada e a plantação mediocre; ao cafézal faltava o matiz verde chumbo, tradução da força da seiva, e coloria-se de um verde claro, brilhando aos tons dourados da luz; os pés de mandioca, finos, delgados, oscilavam, como se lhes faltassem raízes e pudessem ser levados pelo vento, enquanto o sól esclarecia docemente o grande céu e o ar era cheio dos cantos do rio e das vózes dos pássaros, que prolongavam a ilusão da madrugada. Sentia-se ao contemplar aquela terra sem forças, exausta e risonha, uma turva mistura de desfalecimento e de prazer mofino. A terra morria ali como uma bela mulher ainda moça, com o sorriso gentil no rosto violáceo, mas extenuada para a vida, infecunda para o amor".

Oswaldo de Andrade no II volume de MARCO ZERO — Chão — nos lembraria:

"Finda a uberdade da primeira camada de terra que o café do Formosa esgotára, os fazendeiros haviam-se lançado à exploração do que restava da mata virgem".

Anteriormente, no I volume de MARCO ZERO — A revolução melancólica — proclamaria: "Erro foi sempre do governo. Onde já se viu, dissonar o produto e deixar o preço cair de cin-

qüenta por cento? Um corpo que se contrai violentamente rebenta...".

A propósito do tema Leão Machado em ESPÍGAO DA SAMAMBAIA assinalaria:

"O café continúa subindo e inundando o país de riqueza".

"De repente, houve uma coisa inédita. Numa certa manhã de outubro de 1929, a bolsa de Wall Street, lugar onde se joga grande parte dos destinos do mundo, começou a presenciar espetáculo espantoso. Os títulos deram de cair".

— Quer me comprar o café?
— Café? Que é que eu vou fazer com o seu café?

O dr. Anacleto voltou à fazenda e decidiu fechar a máquina, que agora era um luxo caro e inútil na Samambaiã".

Cecílio J. Carneiro com o romance premiado no concurso da União Pan-americana — A FOGUEIRA — nos conta a história de um imigrante sírio que veio "fazer a América", conforme se costuma dizer. Empatou todo seu dinheiro na compra de café e um dia:

"Um frio intensíssimo caiu sobre as mais importantes zonas cafeieiras do Estado, alarmando o povo, já de muito habituado às temperaturas tropicais...".

De repente, começou a circular a notícia de que uma tremenda geada estava destruindo toda a safra do ano. Deu-se então uma alta surpreendente nos preços, pois além da geada aboliam-se nessa época as complicações de alfândega que Elias continuava não compreendendo". "Mil contos em dinheiro, trazidos por uma tão vilmente rajada de sorte intensificaram-lhe os sonhos fantásticos".

(Endereço para remessa de livros: Caixa Postal 7.187).

LEITOR AMIGO!

"A RURAL" — em sua nova fase é uma das melhores revistas, no gênero, editadas no país. Colabore em nossa campanha de assinaturas.

Faça de seu amigo um novo assinante...

Ofterea este número, depois de o ter lido, a um seu conhecido para que êle também se torne leitor de nossa Revista. — Colabore conosco para a maior divulgação de "A RURAL", e estará colaborando com sua classe.

Assinatura Anual: Cr\$ 200,00
Pedidos à Caixa Postal, 7187
São Paulo